OPEN ACCESS
10.21665/2318-3888.v14n28p105

Ambivalências
revista de antropologia do ppga-ufs

Festas e cidades: ritos festivos e a diferença no espaço público contemporâneo

Das Bandeirinhas de Touros às Donzelas de Lagolândia: alguns aspectos do surgimento de uma tradição popular

Vinícius Machado Luz[1]
Universidade Federal de Goiás

Rosana Maria Ribeiro Borges[2]
Universidade Federal de Goiás

Resumo

O artigo analisa aspectos do surgimento da Folia de São João em Lagolândia, distrito de Pirenópolis (GO), destacando a sua suposta origem e transição do grupo das Bandeirinhas de Touros (RN) para a constituição de uma tradição local marcada pelo protagonismo feminino, representado pelas chamadas "donzelas", atuais "folioas", da Folia de São João. No contexto local, considera-se ainda a influência simbólica de Santa Dica na formação das práticas culturais e religiosas da comunidade em Goiás. A pesquisa teve início no doutorado em Artes, Culturas e Tecnologias, cujos procedimentos metodológicos adotaram abordagem qualitativa de caráter exploratório e interpretativo, sendo que a pesquisa bibliográfica e documental e a observação participante foram os principais instrumentos de coleta, sistematização e análise dos dados. A análise articula memória, religiosidade e performances culturais, evidenciando processos de construção de identidades e de continuidade das tradições no contexto da cultura popular.

Palavras-chave

Performances Culturais. Cultura popular. Bandeirinhas de Touros. Folia de São João. Lagolândia.

1. Pós-doutorando em Comunicação (PPGCOM/ UFG); Doutor em Artes, Culturas e Tecnologias (MediaLab/ UFG); Mestre em Performances Culturais (FCS/ UFG); Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo (2009); Bacharel em Artes Visuais – Design Gráfico (2003); Professor nos cursos de Comunicação Social: Jornalismo e Publicidade e Propaganda (onde também atua como coordenador dos dois cursos), e no curso superior tecnológico de Design Gráfico em instituições privadas em Goiânia/ Goiás.

2. Pós-Doutora em Comunicação e Cultura pela UFRJ (2018), Doutora em Geografia pelo Instituto de Estudos Socioambientais da UFG (2013), Mestre em Educação Brasileira pela Faculdade de Educação da UFG (2000), Bacharel em Comunicação Social pela Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da UFG (1996). É professora com dedicação exclusiva vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM – Linha Mídia e Cultura) e ao Curso de Jornalismo da Faculdade de Informação e Comunicação.

De las Banderitas de Touros a las Doncellas de Lagolândia: aspectos del surgimiento de una tradición popular

Resumen: Este artículo analiza aspectos del surgimiento de las Fiestas de San Juan en Lagolândia, distrito de Pirenópolis, Goiás, Brasil, destacando su supuesto origen y la posible transición del grupo de las Bandeiritas de Touros, Rio Grande do Norte, hacia la constitución de una tradición local marcada por el protagonismo femenino, representado por las llamadas "doncellas", actuales "folioas". En el contexto local, también se considera la influencia simbólica de Santa Dica en la formación de las prácticas culturales y religiosas de la comunidad. La investigación se inició en el doctorado en Artes, Culturas y Tecnologías, cuyos procedimientos metodológicos adoptaron un enfoque cualitativo de carácter exploratorio e interpretativo, utilizando la investigación bibliográfica y documental, así como la observación participante, como instrumentos principales para la recopilación, sistematización y análisis de datos. El análisis articula memoria, religiosidad y performances culturales, evidenciando procesos de construcción de identidades y de continuidad y transformación de las tradiciones en el ámbito de la cultura popular.

Palabras clave: Actuaciones culturales. Cultura popular. Banderitas de Touros. Fiestas de San Juan. Lagolândia.[3]

From the Small Flags of Touros to the Maidens of Lagolândia: aspects of the emergence of a popular tradition

Abstract: This article analyzes aspects of the emergence of the Saint John's Festivities in Lagolândia, a district of Pirenópolis, Goiás, Brazil, focusing on its presumed origin and the possible transition from the Small Flags of Touros, Rio Grande do Norte, to the constitution of a local tradition marked by female protagonism, represented by the so-called "maidens", now known as "folioas". In the local context, the symbolic influence of Santa Dica on the formation of the community's cultural and religious practices is also considered. The research originated in a doctoral study in Arts, Cultures and Technologies, employing a qualitative approach of an exploratory and interpretive nature; bibliographic and documentary research, along with participant observation, served as the primary tools for data collection, systematization, and analysis. The analysis articulates memory, religiosity and cultural performances, highlighting processes of identity construction and the continuity and transformation of traditions within popular culture.

Keywords: Cultural performances. Popular culture. Small flags of Touros. Saint John's Festivities. Lagolândia.[4]

Introdução

O presente artigo traz uma investigação sobre a provável origem da Folia de São João, realizada anualmente no distrito de Lagolândia, pertencente ao município de Pirenópolis (GO), a partir de possíveis aproximações históricas, semelhanças entre os rituais e as suas performances com a manifestação das Bandeirinhas, realizada na cidade de Touros (RN). Esta pesquisa parte da compreensão de que as manifestações da cultura popular não se constituem a partir de formas fixas ou imutáveis, mas processos dinâmicos de circulação, apropriação, reelaboração e ressignificação, capazes de produzir novas configurações simbólicas em diferentes contextos sociais.

3. O *Resumen* e as *Palabras Clave* foram elaborados com emprego do *Google Tradutor*, com revisão dos autores.

4. O *Abstract* e as *Keywords* foram elaborados com emprego do *Google Tradutor*, com revisão dos autores.

O objeto deste estudo é a Folia de São João, em Lagolândia, manifestação religiosa de predominância e protagonismo feminino, cuja tradição é atribuída, pela memória local, à atuação de Benedita Cipriano Gomes, conhecida popularmente como Santa Dica, fundadora do distrito e liderança de um movimento messiânico surgido na década de 1920. Nesse contexto, a pesquisa busca responder à seguinte questão: em que medida a Folia de São João de Lagolândia pode ter sido influenciada pela tradição das Bandeirinhas de Touros e quais processos culturais contribuíram para a ressignificação dessa prática no território goiano?

O objetivo geral consiste em demonstrar aspectos relacionados ao surgimento da Folia de São João em Lagolândia, evidenciando possíveis relações históricas e culturais com a manifestação potiguar e os processos que culminaram na consolidação de uma tradição marcada pelo protagonismo de mulheres. Especificamente, pretende-se identificar aproximações entre os rituais das duas festividades, compreender os mecanismos de transmissão da memória oral e interpretar essas práticas à luz das performances culturais em permanente transformação.

A discussão organiza-se em três eixos teóricos principais. O primeiro compreende a festa como performance cultural, sobretudo a partir de Schechner (2002; 2012), Turner (1974; 2005) e Fischer-Lichte (2005); o segundo aborda memória e tradição, em diálogo com Halbwachs (1990) e Hobsbawm e Ranger (1997); e o terceiro focaliza os processos de circulação, apropriação e ressignificação cultural, especialmente a partir de Canclini (2007). Hall (2000; 2006) e Scott (1995) são mobilizados de forma complementar na discussão sobre identidade, pertencimento e protagonismo feminino. Essa organização busca evitar uma justaposição de conceitos e concentrar o referencial nos problemas efetivamente analisados no artigo.

A metodologia tem por base uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório e interpretativo, desenvolvida por meio de pesquisa bibliográfica e documental, articulada à observação participante realizada durante as duas festividades. Os procedimentos de campo compreenderam registros fotográficos, elaboração de diário de campo, entrevistas semiestruturadas e coleta de relatos orais de moradores, familiares de Santa Dica, participantes das manifestações e pesquisadores da temática. A pesquisa de campo foi realizada em diferentes momentos em Lagolândia e em Touros, em incursões que, em Lagolândia, ocorreram nos anos de 2019, 2021, 2022 e 2023, em Touros, no ano de 2023, permitindo observar os espaços, os percursos, os cantos e as práticas rituais nos dois contextos. A seleção das fontes orais privilegiou sujeitos com vínculo direto com as manifestações ou com sua memória histórica.

A opção pela observação participante considera que a presença do pesquisador no campo implica sua inserção, ainda que em diferentes níveis, nas situações e relações

observadas, sem que isso caracterize, necessariamente, a realização de uma etnografia, entendida como uma abordagem que pressupõe maior imersão e permanência no universo pesquisado. Os dados foram organizados por aproximação temática (origem e transmissão, protagonismo feminino, cortejo, repertório musical, uso da bandeira e banho ritual) e interpretados à luz dos referenciais teóricos adotados, buscando estabelecer relações entre memória, ritual, performance e circulação cultural.

Este artigo, portanto, é resultado de desdobramentos da pesquisa de doutorado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Artes, Culturas e Tecnologias da Universidade Federal de Goiás (UFG)[5]. Os procedimentos envolvendo entrevistas e relatos orais seguiram as exigências éticas previstas para pesquisas com seres humanos, sendo aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa da instituição[6].

Por fim, o artigo está organizado em quatro seções. A primeira contextualiza historicamente a Folia de São João em Lagolândia, tendo por pano de fundo a história e uma breve contextualização de Santa Dica, precursora do festejo em Goiás, e a manifestação das Bandeirinhas de Touros. A segunda apresenta os referenciais teóricos relacionados às performances culturais, à memória e aos processos de circulação e hibridização cultural. A terceira traz a análise comparativa entre os dois festejos, destacando suas aproximações rituais, musicais e simbólicas. Nas considerações finais, são retomados os principais resultados da pesquisa e discutidas as contribuições do estudo para a compreensão da manifestação de cultura popular da Folia de São João.

1 Indícios de uma circulação cultural

A Folia de São João de Lagolândia, bem como as demais festas e tradições do distrito, tem uma origem que remete a um episódio singular na história de Goiás e do Brasil. Conforme entrevistas, conversas informais e relatos de moradores mais antigos, as tradições locais teriam sido iniciadas por Benedita Cipriano Gomes, conhecida como Santa Dica, fundadora do povoado e liderança de um movimento messiânico que, na década de 1920, atraiu fiéis e contribuiu para a formação do território onde hoje se localiza Lagolândia.

Naquele período histórico, a organização social e política de Goiás era marcada pelo coronelismo. Segundo Eul Soo Pang (1979), essa estrutura fundava-se na figura do

5. Este artigo constitui um desdobramento da pesquisa de doutorado intitulada *Lagolândia em festa: gênero, memórias, performances e identidades nas folias de Santa Dica*, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Artes, Culturas e Tecnologias da Universidade Federal de Goiás (PPGACT/UFG), defendida em 2025.

6. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás (CEP-UFG), conforme Parecer nº 5.326.216/2022.

coronel como centro do poder regional desde o final do regime monárquico até o início do período republicano no Brasil. Nesse sentido, "o cerne do coronelismo não tem relação com o papel dos comandantes da Guarda Nacional, mas sim com os aspectos sócio-políticos do monopólio do poder por parte das classes dominantes e auxiliares" (Pang, 1979, p. 20).

Esse monopólio do poder encontrava na figura do coronel sua principal expressão, ultrapassando a esfera estritamente política e estendendo sua influência às relações sociais e econômicas estabelecidas no âmbito local. Sua autoridade sustentava-se, portanto, não apenas em mecanismos institucionais, mas também no reconhecimento de uma posição hierárquica que lhe conferia domínio sobre diferentes dimensões da vida social. Ainda de acordo com Pang (1979, p. 21), a figura central do Coronelismo representa o "exercício do poder monopolizante de um coronel cuja legitimidade e aceitação se baseiam em seu status de senhor absoluto, e nele se fortalecem, como elemento dominante nas instituições sociais, econômicas e políticas".

Entretanto, de acordo com Frederico Oliveira da Paixão e Margot Riemann Costa e Silva (2013, p. 219), o "Coronelismo em Goiás se diferenciou de outras regiões do país pelo isolamento geográfico, político e de comunicação da região com a capital federal, na época", situada na cidade do Rio de Janeiro. Esse isolamento não se restringia às relações políticas e às dificuldades de comunicação com os principais centros do país, mas se refletia também na organização econômica de Goiás, marcada pela baixa integração aos mercados nacionais, pelas dificuldades de circulação e pelo predomínio de atividades voltadas à subsistência. Nesse contexto, as condições econômicas ajudam a compreender as estruturas sociais e as relações de poder que caracterizavam a região naquele período.

Já a economia de Goiás, após o declínio do Ciclo do Ouro, era "uma economia agrária, fechada, de subsistência" (Palacín, 1994, p. 48). Segundo Vasconcellos (1991, p. 73), até o ano de 1930, "Pirenópolis não se encontra entre os vinte maiores produtores agrícolas [de Goiás], [...] o excedente que havia para a comercialização não ultrapassava os limites regionais". Conforme descreve Miguel Archângelo Nogueira dos Santos (1984, p. 17-18), mesmo

> dois séculos mais tarde, no final do século XIX, a província encontrava-se empobrecida e estagnada, sobretudo devido ao isolamento, à sua economia instável, à falta de meios de transportes e à pecuária de lavoura de pequena monta.

Neste contexto, surge a figura de Benedita Cipriano Gomes (Santa Dica), que atraiu milhares de moradores para a região por sua fama de milagreira, após o suposto caso de "ressurreição", quando, ainda criança, a menina Benedita teria acordado após ser dada como morta:

> Após tentar os recursos locais, chás e simpatias, é tida como morta ao final de três dias de prostração. Ressuscita, no entanto, ao lhe ser dado o tradicional banho dos defuntos. A notícia deste fato se espalha, primeiramente na vizinhança para, em seguida, ganhar o município, o estado e o país (Vasconcellos, 1991, p. 79).

Nesse contexto, a projeção alcançada por Benedita Cipriano Gomes (Santa Dica), provocou transformações na localidade onde vivia, o atual distrito de Lagolândia, pertencente ao município de Pirenópolis. Ainda muito jovem, Dica passou a ser reconhecida pela população da região como uma figura dotada de poderes extraordinários, como o já citado caso de suposta ressurreição, à qual eram atribuídos milagres, curas e experiências de caráter religioso. A fama da menina milagreira ultrapassou os limites locais e atraiu pessoas provenientes de diferentes lugares, que se dirigiam à região em busca de cura, aconselhamento e proteção espiritual.

A crescente presença de devotos modificou rapidamente a configuração do lugar. Em torno de Dica, formou-se não apenas um grupo de seguidores, mas uma comunidade constituída por pessoas que passaram a compartilhar práticas religiosas, relações de solidariedade e formas de organização da vida cotidiana. Esse movimento contribuiu diretamente para o crescimento do antigo povoado, posteriormente denominado Lagolândia. Segundo Vasconcellos (1991, p. 82), embora não seja possível precisar a quantidade de pessoas que se estabeleceram no local, "foi acrescido um número substancial de habitantes e [...] aquela aldeiola de umas doze casas se transformou em uma vila coberta de casas, ranchos e fogos".

A dimensão alcançada pelo movimento em torno de Santa Dica, em um período relativamente curto, pode ser percebida também pelo expressivo fluxo de pessoas que passou a convergir para a região. De acordo com Gomes Filho (2012, p. 10), em aproximadamente dois anos, Dica teria reunido "cerca de 500 seguidores/habitantes", enquanto "até 70 mil pessoas a teriam visitado em romaria entre 1923 e 1925". Desse modo, entre devoção, peregrinação e formação comunitária, a emergência de Santa Dica alterou significativamente a dinâmica daquele espaço rural goiano, transformando uma pequena povoação em um importante lugar de religiosidade e sociabilidade nas primeiras décadas do século XX. Do ponto de vista da abordagem dentro do jornalismo, feita à época, o jornalista Jaime Câmara relatou, já em momento posterior ao falecimento de Dica, ocorrido em 1970, que:

> [...] lá pelo ano de 1926, [...] [Santa Dica] dominou milhares de sertanejos que a procuravam [...]. Não explorava ninguém, nem pedia compensações pecuniárias pelas "curas" que fazia. [...] Em torno dela foram sendo criados hábitos e preceitos, como o de não se trabalhar aos sábados, por que ela assim recomendava (Câmara, 1974, p. 155, grifos do autor).

Essa aglomeração em seu entorno e, embora a autoridade de Santa Dica estivesse ligada principalmente em seu viés religioso, sua liderança extrapolou a esfera da fé, alcançando dimensões sociais e políticas. Conforme observa Waldetes Rezende (2011), à luz das estruturas de poder vigentes naquele período, Dica pode ser interpretada como um "coronel de saias", expressão que evidencia sua capacidade de influência, mando e mediação das relações comunitárias em um contexto historicamente marcado pelo coronelismo, poder vigente da época.

Neste cenário, de acordo com Rezende (2011) e relatos dos moradores, as festas do distrito são atribuídas à atuação de Dica (Figura 1), muitas delas consolidadas no auge do movimento religioso e marcadas por aproximações com a liturgia e as festividades católicas. Brito (2001, p. 66) observa que Dica "reproduzia em sua corte festas religiosas praticadas pela Igreja Católica, na qual fora criada. Nessas ocasiões, o lugar era invadido por romeiros vindos dos mais diversos lugares (chega-se a falar em seis mil pessoas)" (Figura 2). Mais do que um elemento biográfico de contextualização, Santa Dica pode ser compreendida, portanto, como uma mediadora na organização e na ressignificação de práticas religiosas no território, articulando referências recebidas de outros contextos às experiências sociais e simbólicas da comunidade que se formava em seu entorno.

Figura 1 – Benedita Cipriano Gomes, a Santa Dica



Fonte: Autor desconhecido, retirado do Jornal *O Popular*[7].

7. Disponível em: https://opopular.com.br/cidades/lagolandia-a-terra-de-santa-dica-1.2362679. Acesso em: 26 ago. 2026.

Figura 2 – Primeiras casas do distrito de Lagolândia, na década de 1920



Fonte: Reprodução de Rezende, 2009, p. 101.

Voltando ao relato das duas festividades, o festejo anual da Folia de São João tem início na noite que antecede o dia do referido santo, celebrado em 24 de junho. Na noite do dia 23, próximo à meia-noite, um grupo de mulheres, inicialmente chamadas "donzelas", parte do salão principal da cidade, antiga residência de Santa Dica, e dirige-se à praça central, onde circunda por três vezes as brasas da fogueira de São João, posicionada em frente à gameleira situada próximo ao túmulo de Dica.

No dia seguinte, 24 de junho, a Folia se desenvolve ao longo de todo o dia: o percurso, conhecido como Giro, que é realizado pelo mesmo grupo de mulheres, as antigas "donzelas", atualmente também chamadas de *folioas*, que percorrem as casas de moradores católicos do distrito, em um trajeto previamente planejado, onde entoam cânticos e recolhem esmolas, doações em dinheiro destinadas à manutenção do festejo e da igreja. O encerramento, denominado Recolhida, ocorre com a reza de um terço católico e o sorteio do próximo festeiro, que será responsável pela organização e condução da folia no ano seguinte.

Já a manifestação potiguar das Bandeirinhas, realizada anualmente na cidade de Touros, foi apontada, desde a pesquisa de mestrado, como possível origem da Folia de São João em Lagolândia, por apresentar características que permitem estabelecer aproximações entre as duas tradições. Há relatos, de antigos moradores do distrito e de familiares de Dica, de que o festejo de Goiás teria se originado a partir de alguma encenação proveniente do Rio Grande do Norte (terra do primeiro marido de Santa Dica).

De acordo com dona Bernarda Cipriano, irmã de Dica, que à época da entrevista tinha 94 anos, o festejo de Lagolândia teria relação com o Rio Grande do Norte, terra natal de Mário Mendes, primeiro marido de Dica. Segundo sua narrativa, novos

ritos teriam sido introduzidos por Ivone Mendes, filha de Mário. Para a historiadora Waldetes Rezende, a festa em devoção a São João já existia no distrito, mas Ivone teria acrescentado práticas observadas em viagem ao território potiguar:

> [...] tinha somente a fogueira e os batismos. Mas, como ela [Dica] criou um casal de filhos que era do Mário Mendes, que eram filhos do primeiro casamento dele, a menina que se chamava Ivone já era adulta, faz uma viagem [ao Rio Grande do Norte] e lá ela vê essa folia desse jeito, só de mulheres e, chegando aqui, dá essa ideia para a mãe. É assim que os mais antigos daqui falavam, ela vem, a Ivone, e implanta essas ideias (Rezende, 2023, 49:14 min.)[8].

A narrativa atribui, assim, a Ivone Mendes um papel potencialmente decisivo como elo entre os dois territórios. A documentação reunida até o momento, contudo, não permite precisar a data dessa viagem, a localidade potiguar visitada ou demonstrar documentalmente seu contato direto com as Bandeirinhas de Touros. Essa lacuna impede transformar a narrativa oral em prova de origem, mas indica uma linha concreta de investigação histórica: reconstruir a trajetória de Ivone, seus vínculos familiares e seus deslocamentos entre Goiás e o Rio Grande do Norte.

Essa hipótese encontra apoio em um conjunto de correspondências observadas entre as duas celebrações e não em um único elemento isolado. Entre elas, destaca-se o repertório musical, no qual foi registrado, durante as pesquisas de campo realizadas em Lagolândia e em Touros, o mesmo núcleo narrativo relacionado a São João, às "donzelas", às "bandeirinhas" e ao Rio Jordão:

> São João foi tomar banho, com vinte e cinco donzelas.
> As donzelas caíram n'água e São João caiu com elas.
> Maria chama Izabel, para acordar São João,
> para soltar as bandeirinhas no Rio Jordão.
> Acordai, acordai, acordai João. São João está dormindo,
> não acorda não. (Canto tradicional de São João, registro de campo, Lagolândia-GO e Touros-RN, 2021 e 2023).

Outras similaridades concentram-se, sobretudo, nos ritos que antecedem o dia 24 de junho, como a saída e o protagonismo de mulheres em procissão pelas ruas e o antigo banho de rio, que em Touros acontecia no Rio Maceió, que corta a cidade, e em Lagolândia, no Rio do Peixe, que contorna uma parte do distrito e os fundos do quintal da casa de Dica. Nos dois casos, os dois grupos de mulheres performam pelas ruas e retornam ao ponto de partida, geralmente por volta da meia-noite, quando é servido um lanche.

8. Entrevista concedida por Waldetes Aparecida de Rezende. 49:14 min. [Jan. 2023]. Entrevistador: Vinícius Machado Luz. Pirenópolis – Lagolândia, 2023. 1arquivo.mp3.

Para contextualizar, a cidade de Touros é um município localizado no litoral do estado do Rio Grande do Norte, a aproximadamente 85 quilômetros de Natal, capital do estado. A dança das Bandeirinhas, conforme registro do pesquisador e folclorista potiguar Deífilo Gurgel (Figura 3), em levantamento publicado pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), "só existe na cidade de Touros" (Gurgel, 1981, p. 31), não é vista em nenhuma outra parte do país. A apresentação ocorre em três momentos ao longo do ano, sendo um deles dedicado a São João Batista, celebrado no dia 24 de junho, estabelecendo, assim, um ponto de convergência com a tradição observada em Lagolândia.

Figura 3 – Encenação das Bandeirinhas de Touros (RN), em junho de 1980



Fonte: Gurgel (1981, p. 30).

A origem das Bandeirinhas de Touros é reconstruída, sobretudo, a partir da memória oral de suas participantes. Carvalho (2017) registra que, segundo relatos das integrantes, a manifestação teria se constituído em Touros no início do século XX, sob a liderança de Joana Pacheco. A autora afirma diretamente que "o grupo surgiu em 1910, tendo como fundadora D. Joana Pacheco", acrescentando que foi ela quem transmitiu às primeiras participantes, por meio da oralidade, os cantos e os demais elementos da manifestação.

A trajetória de Joana Pacheco, entretanto, sugere que a prática pode ter antecedentes anteriores à sua consolidação em Touros. A pesquisadora Cecília Brandão Carvalho, bem como entrevistas com moradores locais, dá conta que a fundadora era oriunda de Areia Branca, no Rio Grande do Norte, e residiu durante alguns anos em Touros enquanto acompanhava o marido, que trabalhava na região. Após a saída de Joana, a coordenação foi assumida sucessivamente por outras mulheres, garantindo a continuidade da tradição.

Essa possibilidade de uma origem anterior em Areia Branca aparece de forma ainda mais explícita no depoimento de Dona Geralda Batista de Moura, reproduzido na dissertação. Ao falar sobre o surgimento da manifestação, ela afirma: "Essa Bandeirinha foi D. Joana que trouxe pra aqui. Foi fundada por ela lá em Areia Branca" (Moura *apud* Carvalho, 2017). O relato sugere, portanto, que a constituição do grupo em Touros, datada pelas brincantes em 1910, pode não corresponder necessariamente ao surgimento original da prática, mas à sua implantação e posterior consolidação naquela cidade.

Portanto, do ponto de vista comparativo, essas e outras aproximações entre a Folia de São João e as Bandeirinhas de Touros podem ser percebidas tanto na estrutura ritual das duas manifestações quanto nos elementos simbólicos que as constituem. Em ambos os festejos, o protagonismo é exercido predominantemente por mulheres, que percorrem as ruas em cortejo, conduzindo bandeiras ou estandartes e entoando cantos dedicados a São João. As semelhanças alcançam também o repertório musical, no qual aparecem referências às "donzelas", ao banho de São João e ao Rio Jordão.

Outro ponto de convergência encontra-se justamente no banho ritual: em Touros, as Bandeirinhas tradicionalmente seguiam até o Rio Maceió (Figura 4), enquanto, em Lagolândia, as participantes da Folia de São João dirigiam-se ao Rio do Peixe (Figura 5). Nos dois casos, a água integra simbolicamente a celebração, a ideia do batizado enquanto iniciação ou confirmação da fé, e estabelece uma relação entre o percurso realizado pelas mulheres, a devoção ao santo e a memória coletiva da comunidade.

Figura 4 – Rio Maceió, no centro da cidade de Touros, onde as Bandeirinhas realizavam o banho noturno



Fonte: Autoria própria (2023).

Figura 5 – Rio do Peixe, ao fundo da casa de Santa Dica, onde as "donzelas" realizavam o banho noturno



Fonte: Autoria própria (2019).

Essas correspondências foram observadas pelo pesquisador por meio de pesquisas *in loco* realizadas tanto em Lagolândia quanto em Touros, permitindo acompanhar os espaços onde as manifestações acontecem e estabelecer relações entre os ritos, os cantos e as narrativas de suas participantes. A observação em campo evidenciou ainda outras aproximações: a realização das celebrações no período que antecede o dia 24 de junho; a centralidade feminina na organização e execução dos festejos; o deslocamento coletivo pelas ruas (Figuras 6 e 7); a presença da bandeira como elemento simbólico; o retorno das participantes ao ponto de partida após o percurso; e os momentos de sociabilidade que acompanham o encerramento das atividades.

A força da hipótese comparativa reside, portanto, na convergência de fontes de naturezas distintas: a memória familiar de Bernarda Cipriano, a narrativa histórica local sobre Ivone Mendes, o registro bibliográfico das Bandeirinhas, o repertório musical compartilhado e as correspondências rituais observadas nos dois territórios. Nenhum desses elementos, isoladamente, comprova uma relação de origem; em conjunto, porém, tornam plausível investigar processos de circulação e ressignificação cultural entre o Rio Grande do Norte e Goiás.

Quadro 1 – Síntese comparativa entre as Bandeirinhas de Touros e a Folia de São João de Lagolândia

ELEMENTO OBSERVADO	BANDEIRINHAS DE TOUROS (RN)	FOLIA DE SÃO JOÃO DE LAGOLÂNDIA (GO)
Protagonismo	Predominantemente feminino	Predominantemente feminino, os homens participam como músicos e organizadores do Giro; antigas "donzelas", atuais folioas.
Devoção	Santos juninos, com destaque para São João, no dia 24 de junho	São João Batista
Bandeira/ estandarte	Elemento central do cortejo	Elemento central do Giro e dos rituais.
Percurso	Cortejo pelas ruas de Touros	Giro pelas ruas e casas dos moradores católicos de Lagolândia.
Banho ritual	Já extinto, mas historicamente realizado no Rio Maceió	Já extinto, mas historicamente realizado no Rio do Peixe.
Repertório musical	Referências a São João e ao grupo das Bandeirinhas	Referências a São João, e, eventualmente, ao grupo das donzelas.
Organização ritual	Festa, cortejo e retorno ao ponto de partida	Ritual noturno com saída da casa de Santa Dica e lanche noturno. Ritual diurno com Giro, lanches, almoço, recolhimento de esmolas e Recolhida.
Transformações	Práticas modificadas ao longo do tempo, inclusive o banho ritual	Ritos mantidos e reelaborados no contexto local, com forte vínculo à memória de Santa Dica. O banho ritual e os batismos no rio foram extintos.

Fonte: Autoria própria (2026).

As correspondências sintetizadas no quadro não eliminam diferenças relevantes. As Bandeirinhas apresentam uma estrutura festiva própria, historicamente associada ao cortejo e ao banho coletivo, enquanto a Folia de Lagolândia se organiza em etapas mais definidas, como o Giro pelas casas, a coleta de esmolas e a Recolhida. Também diferem as trajetórias locais, os agentes responsáveis por sua continuidade e os sentidos atribuídos aos ritos. Considerar essas diferenças é fundamental para evitar uma leitura baseada apenas em coincidências e reforça a interpretação de que, caso tenha ocorrido circulação cultural, ela envolveu apropriação e reconfiguração, e não simples reprodução da prática potiguar.

Figura 6 – Mulheres do grupo das Bandeirinhas de Touros, em procissão pelas ruas do município



Fonte: Autoria própria (2023).

Figura 7 – Mulheres do grupo das "donzelas", ou folioas, em Lagolândia, em procissão pelas ruas do distrito



Fonte: Autoria própria (2022).

As similaridades observadas, entretanto, não permitem afirmar, por si mesmas, uma relação histórica direta ou uma origem comum entre os festejos. Antes, constituem indícios que orientam a investigação sobre possíveis processos de circulação, apropriação e ressignificação de práticas culturais entre diferentes regiões brasileiras. A essa perspectiva, soma-se o relato de Bernarda Cipriano, irmã de Santa Dica, segundo o qual a Folia de São João realizada em Lagolândia teria recebido elementos trazidos do Rio Grande do Norte. A relevância dessa narrativa aumenta quando ela é confrontada com o relato sobre Ivone Mendes e com as correspondências rituais e musicais identificadas em campo. Ainda assim, trata-se de uma convergência de indícios e não de comprovação documental de procedência. A distinção é necessária para que a memória oral seja reconhecida como fonte histórica sem ser convertida automaticamente em evidência causal.

Nesse sentido, a comparação entre Lagolândia e Touros não busca estabelecer de maneira conclusiva uma relação linear de origem e reprodução, mas compreender como determinados elementos, a exemplo do protagonismo das mulheres, do cortejo, da bandeira, dos cantos, das donzelas e do banho ritual, aparecem reconfigurados em duas manifestações dedicadas a São João, geograficamente distantes, mas marcadas por significativas aproximações em suas formas de celebrar, performar e transmitir a tradição.

2 Possíveis aproximações e novas configurações

Diante dessas aproximações, mais do que buscar uma origem linear, é necessário também compreender como essas práticas teriam sido apropriadas e ressignificadas em diferentes contextos. Nesse sentido, a análise dessas manifestações exige uma abordagem que considere sua dimensão simbólica e histórica. Ao compreendê-las torna-se possível evidenciar como tais práticas produzem sentidos, organizam relações sociais e contribuem para a construção de identidades coletivas, neste caso, articulada como uma prática que envolve ritual, performance e pertencimento coletivo, definido por Victor Turner como processos rituais nos quais "a estrutura social é momentaneamente suspensa, permitindo a emergência de formas alternativas de sociabilidade" (Turner, 2005, p. 95).

No caso específico das duas manifestações, o que se mantém como um dos elementos centrais das manifestações é o protagonismo feminino, presente tanto nas Bandeirinhas de Touros quanto na Folia de São João de Lagolândia, sendo, neste último caso, materializado na figura das "donzelas". Historicamente, a participação dessas mulheres esteve associada a normas morais e valores sociais relacionados à virgindade e à conduta. Contudo, tais exigências foram sendo tensionadas ao longo do tempo, evidenciando a cultura como um sistema dinâmico. Como afirma Roque de Barros Laraia (1986, p. 25), "o comportamento humano não é biologicamente determinado, mas aprendido no interior de um sistema cultural". Assim, a performance feminina na Folia de São João evidencia não apenas a reprodução de papéis sociais, mas também sua constante reconfiguração.

A origem da manifestação de Lagolândia insere-se, ainda, como já citado, em um contexto histórico marcado pela influência da líder messiânica Santa Dica, cuja permanência de sua memória no imaginário coletivo reforça o papel da tradição como mecanismo de continuidade cultural, ao mesmo tempo em que evidencia, tal como aponta Stuart Hall (2006, p. 13), que "as identidades são pontos de identificação instáveis, construídos no interior dos discursos". Dessa forma, a Folia de São João pode ser compreendida como um espaço de produção e negociação de identidades, no qual tradição e transformação coexistem.

Nesta configuração, pensar a cultura desse lugar, enquanto performance, é compreender, conforme Erika Fischer-Lichte (2005), que qualquer performance deve também ser encarada como um processo social. De acordo com a autora, "a cultura é também, se é que não é primeiro que tudo, performance" (Fischer-Lichte, 2005, p. 73).

No caso da Folia de São João, a repetição anual da festa representa, também, uma interação entre a comunidade, os participantes e os visitantes, estabelecendo relações entre os modos de ver e participar dos festejos. Ainda segundo Fischer-Lichte (2005, p. 73),

> uma performance ocorre pela copresença física de atores e espectadores, em que uns agem como 'fazedores' e outros como 'observadores', num determinado tempo e lugar, partilhando uma mesma situação.

Desta forma, a folia de São João, compreendida enquanto conjunto de significados, é permeada por "arranjos sociais", talvez arbitrários às normas socialmente aceitas a cada papel de gênero. Enquanto prática cultural, ela dialoga com estruturas sociais historicamente construídas, muitas vezes desafiando expectativas relacionadas ao lugar ocupado por homens e mulheres nas esferas pública e privada. Conforme Scott (1995, p. 81), a divisão sexual do trabalho pressupõe que "os arranjos sociais que exigem que os pais trabalhem e as mães executem a maioria das tarefas de criação das crianças estruturam a organização da família".

Nesse sentido, há uma nítida divisão de papéis, que define a função de cada um, na família e na sociedade. Entendendo, aqui, a identidade e a identificação enquanto: [...] na linguagem do senso comum, a identificação é construída a partir do reconhecimento de alguma origem comum, ou de características que são partilhadas com outros grupos ou pessoas, ou ainda a partir de um mesmo ideal (Hall, 2000. p. 106). Assim, pode-se dizer que os festejos são atos de reprodução e criação contínua, que se perpetua ao longo do tempo e, "para que uma sociedade qualquer exista, é necessário que os indivíduos que a compõem abracem um conjunto de acontecimentos presentes e passados, repassando no curso do tempo os traços que deixou de si mesma" (Carvalho, 2021, p. 173).

3 A festa e o território: ritual, memória e religiosidade no espaço da performance

Na definição dos festejos enquanto manifestações de performances culturais, especialmente no que se refere a Folia de São João, para Richard Schechner (2002, p. 28), as performances constituem "comportamentos restaurados, isto é, ações que podem ser repetidas, rearranjadas e reapresentadas em novos contextos". O autor ainda reforça que "toda performance envolve um jogo entre o que é preservado e o que é transformado" (Schechner, 2012, p. 52), indicando que tais práticas são simultaneamente repetição e inovação. Nesse sentido, a Folia de São João não se configura unicamente na celebração festiva, mas configura-se como um campo de reencenação, na qual práticas são continuamente atualizadas, sem perder seu vínculo com a tradição.

Entretanto, do ponto de vista da cidade, para o historiador Lewis Mumford (1961), a definição de cidade se constitui a partir de uma estrutura organizada para preservar, acumular e transmitir os bens materiais e simbólicos da civilização. Nessa mesma perspectiva, Ítalo Calvino (1990, p. 7) afirma que a cidade ultrapassa sua dimen-

são física, sendo também formada pelas relações "entre as medidas de seu espaço e os acontecimentos do passado".

Essa dimensão espacial torna-se mais produtiva quando compreendida a partir do território efetivamente percorrido pela performance. Em Lagolândia, a casa de Santa Dica, a praça, a fogueira, as ruas, as casas visitadas durante o Giro e o Rio do Peixe constituem pontos de uma geografia ritual ativada pela festa. Em Touros, de modo semelhante, o cortejo articula espaços de reunião, vias públicas e o Rio Maceió. Esses lugares não funcionam apenas como cenário: são atualizados pelas ações, memórias e deslocamentos das participantes, tornando-se parte constitutiva da experiência performática. Nesse sentido, a interação entre performers, comunidade e ambiente produz uma experiência relacional que reforça vínculos de pertencimento e memória.

Figura 8 – Giro entre as casas dos moradores e rituais coletivos



Fonte: Autoria própria (2019).

Esta noção da festa no campo da performance cultural pode ser ampliada pelo caráter interdisciplinar desse campo. Camargo (2013) chama atenção para a articulação entre diferentes dimensões sociais na análise das performances culturais, enquanto Rios (2014) enfatiza a necessidade de considerar as práticas da cultura popular em suas relações históricas e simbólicas. No caso da Folia de São João, essa perspectiva favorece uma leitura que articula ritual, memória, gênero e circulação cultural, evitando reduzir a manifestação a uma única dimensão explicativa.

De forma complementar, Sebastião Rios (2014) destaca a importância de uma abordagem interdisciplinar para o estudo das performances culturais, afirmando que a análise dessas manifestações exige o diálogo entre diferentes campos do conhecimento,

articulando dimensões simbólicas, sociais e históricas. Essa perspectiva orienta a leitura da Folia de São João como fenômeno complexo, que não pode ser reduzido a uma única dimensão analítica.

No plano histórico, a possível relação entre as Bandeirinhas de Touros e a Folia de São João de Lagolândia evidencia processos de circulação cultural que conectam diferentes regiões do país. As semelhanças não anulam diferenças de organização ritual: em Lagolândia, por exemplo, o Giro pelas casas, a coleta de esmolas e a Recolhida compõem uma sequência própria, enquanto em Touros se destacam a festa, o cortejo e o antigo banho no Rio Maceió. Em vez de indicar mera reprodução, essas diferenças aproximam a análise da noção de hibridização cultural proposto por Néstor García Canclini (2007, p. 283), segundo o qual "as culturas se constituem em processos de mistura e recombinação de práticas e significados".

Do ponto de vista das performances, essas aproximações também podem ser compreendidas como resultado de processos híbridos, nos quais práticas recebidas são atualizadas por meio da repetição, da memória e das condições locais. Nessa direção, o conceito de "invenção das tradições", de Hobsbawm e Ranger (1997), contribui para compreender como práticas ritualizadas estabelecem vínculos com o passado ao mesmo tempo em que respondem às necessidades do presente.

> A "tradição inventada" entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente: uma continuidade em relação ao passado (Hobsbawn; Ranger, 1997, p. 9, grifos dos autores).

Nessa perspectiva, a dimensão simbólica dos festejos é reafirmada pela continuidade de práticas e costumes que estabelecem vínculos com o passado, sem impedir processos de transformação. Conforme Hobsbawm e Ranger (1997, p. 10), o costume "não impede as inovações e pode mudar até certo ponto, embora seja tolhido pela exigência de que deve parecer compatível ou idêntico ao precedente. Sua função é dar [...] a sanção do presente, a continuidade histórica". Assim, a tradição articula permanências e mudanças, atualizando-se sem romper com os elementos que sustentam sua continuidade histórica.

É justamente nessa capacidade de permanecer e, simultaneamente, transformar-se que a Folia de São João revela sua dimensão performática. A repetição anual do cortejo, dos cantos, das rezas, da presença da bandeira e dos demais elementos rituais não constitui uma simples reprodução de ações realizadas anteriormente. A cada novo ciclo festivo, esses elementos são novamente experimentados pelos participantes, incorporando mudanças decorrentes das relações sociais, das diferentes gerações e das

circunstâncias históricas em que a festa acontece. A tradição, nesse sentido, mantém-se não apesar das transformações, mas também por meio delas.

Essa dinâmica torna-se particularmente significativa quando se considera o protagonismo feminino na manifestação de Lagolândia. Ao assumirem posições centrais na organização e na realização da Folia de São João, as mulheres não apenas preservam uma prática recebida das gerações anteriores, mas participam ativamente da produção de seus sentidos no presente. O ato de sair em folia, conduzir a bandeira, cantar, rezar, organizar os ritos e ocupar coletivamente os espaços da comunidade reafirma formas de pertencimento construídas em torno da festa. Ao mesmo tempo, a continuidade dessas ações permite que novas participantes sejam incorporadas ao grupo, fazendo da transmissão da tradição também um processo de aprendizagem e de construção de memória.

Nesse aspecto, a possível aproximação histórica com as Bandeirinhas de Touros adquire relevância não pela necessidade de determinar uma origem única para a manifestação de Lagolândia, mas pelas possibilidades de compreender os caminhos pelos quais práticas culturais circulam e são reelaboradas.

As pesquisas realizadas *in loco*, tanto em Lagolândia quanto em Touros, permitiram observar que as aproximações convivem com diferenças produzidas pelas trajetórias particulares de cada comunidade. A manifestação de Lagolândia apresenta etapas como o Giro, a visita às casas, a coleta de esmolas e a Recolhida, além de uma vinculação direta à memória de Santa Dica; em Touros, a tradição das Bandeirinhas desenvolveu outra organização festiva e sofreu transformações próprias, como a descontinuidade do banho ritual. Essas diferenças afastam a hipótese de uma cópia integral e reforçam a possibilidade de que, se houve circulação de práticas, ela ocorreu por meio de apropriação, adaptação e ressignificação. Assim, mais do que procurar uma reprodução de uma manifestação na outra, interessa compreender como elementos semelhantes podem adquirir sentidos específicos em diferentes territórios.

A Folia de São João pode ser compreendida, portanto, como uma performance cultural situada entre permanência e transformação, memória e presente, repetição e criação. É justamente nessa tensão que a tradição encontra condições para continuar existindo. Ao repetirem anualmente gestos, cantos e rituais associados à memória da comunidade e à figura de Santa Dica, as participantes não apenas evocam um passado, mas o atualizam a partir das experiências do presente. A festa torna-se, assim, um espaço privilegiado de produção de sentidos, no qual diferentes temporalidades se encontram e onde as memórias são continuamente selecionadas, performadas e transmitidas.

Nesse movimento, a tradição deixa de ser entendida como herança imutável para ser percebida como uma construção coletiva, permanentemente reelaborada por

aqueles que dela participam. A continuidade da Folia de São João, assim como as possíveis relações estabelecidas com as Bandeirinhas de Touros, revela que as manifestações culturais sobrevivem porque são capazes de incorporar mudanças sem romper completamente com os referenciais que lhes conferem reconhecimento e pertencimento. É nesse processo que a performance atua como espaço de atualização da memória e da própria cultura, permitindo que experiências produzidas no passado sejam novamente vivenciadas, transformadas e transmitidas às gerações seguintes.

Considerações finais

O presente estudo buscou apresentar parte da investigação, também desenvolvida no âmbito da pesquisa de doutorado, acerca das possíveis relações entre a Folia de São João de Lagolândia (Pirenópolis, Goiás) e a tradição das Bandeirinhas de Touros (Rio Grande do Norte). A análise reuniu narrativas orais, registros históricos, observação participante, documentação fotográfica e comparação entre rituais e repertórios musicais. A questão central – em que medida a Folia de São João de Lagolândia pode ter sido influenciada pela tradição das Bandeirinhas de Touros e quais processos culturais contribuíram para a ressignificação dessa prática no território goiano? – foi examinada sem pressupor uma origem linear entre os festejos.

Os resultados permitem distinguir três níveis de conclusão. Em primeiro lugar, é possível afirmar a existência de correspondências ritualísticas, musicais e simbólicas entre as manifestações, entre elas o protagonismo feminino, o cortejo, a bandeira, o antigo banho ritual e um repertório que menciona São João, donzelas, bandeirinhas e Rio Jordão. Em segundo lugar, a convergência dessas correspondências com as narrativas de Bernarda Cipriano e Waldetes Rezende torna plausível a hipótese de circulação de elementos culturais do Rio Grande do Norte para Lagolândia. Em terceiro lugar, os dados disponíveis ainda não permitem afirmar documentalmente que as Bandeirinhas de Touros sejam a origem direta da Folia de São João. A hipótese, portanto, deve ser compreendida como historicamente plausível e sustentada por indícios convergentes, mas ainda aberta à investigação.

Caso tenha ocorrido essa circulação, os dados indicam que ela não produziu uma reprodução integral da manifestação potiguar. Em Lagolândia, os elementos possivelmente recebidos foram articulados à religiosidade local, à liderança e à memória de Santa Dica, às relações comunitárias e às formas próprias de organização do festejo. À luz das performances culturais, da memória e da hibridização, a Folia de São João pode ser compreendida como prática em permanente atualização, situada entre permanência

e transformação. A comunidade preserva referências reconhecidas como tradicionais ao mesmo tempo em que lhes atribui novos sentidos, produzindo uma manifestação singular no território goiano.

Por fim, espera-se que este trabalho contribua para os estudos sobre religiosidade popular, circulação cultural, memória e patrimônio imaterial, evidenciando a importância das fontes orais quando confrontadas com registros documentais e observações de campo. Permanecem, contudo, lacunas que indicam novos caminhos de pesquisa, sobretudo a reconstrução da trajetória de Ivone Mendes, a data e o destino de sua viagem ao Rio Grande do Norte, seus vínculos familiares no estado e a eventual existência de documentos que permitam aproximá-la historicamente de Touros ou de Areia Branca. A ampliação das pesquisas documentais e de campo poderá fortalecer ou relativizar a hipótese aqui apresentada. Mais do que fixar uma origem única para a Folia de São João, o estudo aponta para a necessidade de compreender os caminhos pelos quais práticas culturais circulam, são apropriadas e adquirem novos sentidos em diferentes territórios.

Referências

CAMARGO, Robson. Milton Singer e as performances culturais: um conceito interdisciplinar e uma metodologia de análise. **Karpa**, v. 6, n. 2, p. 1-27, 2013. Disponível em: https://www.calstatela.edu/sites/default/files/robsonpdf.pdf. Acesso em: 11 ago. 2026.

CARVALHO, Cecília Brandão. **As bandeirinhas de Touros/RN**: tradição e educação sensível. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, p. 159. 2017.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas**: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade. Tradução de Heloísa Pezza Cintrão; Ana Regina Lessa. São Paulo: EDUSP, 2007.

FISCHER-LICHTE, Erika. A cultura como performance: desenvolver um conceito. **Sinais de Cena**, n. 4, p. 73-80, dez. 2005. DOI: 10.51427/cet.sdc.2005.0043. Disponível em: https://revistas.rcaap.pt/sdc/article/view/12426. Acesso em: 24 ago. 2026.

HALBWACHS, Maurice. **Memória Coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103-116.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva; Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

PALACÍN, Luís; MORAES, Maria Augusta de Sant'Anna. **História de Goiás**. 6. ed. Goiânia: UCG, 1994.

PAIXÃO, Frederico Oliveira da; COSTA E SILVA, Margot Riemann. A formação histórica do território goiano e a política coronelística. **Estudos – Revista de Ciências Ambientais e Saúde**, v. 40, n. 3, p. 215-227, 2013. DOI: 10.18224/est.v40i3.2913. Disponível em: https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/estudos/article/view/2913. Acesso em: 16 jul. 2026.

RIOS, Sebastião. Cultura popular: práticas e representações. **Sociedade e Estado**, v. 29, n. 3, p. 791-820, 2014. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/5923. Acesso em: 21 jul. 2026.

SANTOS, Miguel Archângelo Nogueira dos. **Missionários redentoristas alemães em Goiás, uma participação nos movimentos de renovação e de restauração católicas – 1894 a 1944**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1984.

TURNER, Victor. **O Processo Ritual**: estrutura e anti-estrutura. Tradução de Nancy Campi Castro. Petropólis: Vozes, 1974.

TURNER, Victor. **Floresta de símbolos**: aspectos do ritual Ndembu. Tradução de Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto. Rio de Janeiro: EdUFF, 2005.

VASCONCELLOS, Lauro de. **Santa Dica**: encantamento do mundo ou coisa do povo. Goiânia: CEGRAF – UFG, 1991.